

# alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 3) Jan. 2019

## TECNOLOGIA, PATRIMÓNIO E COMUNIDADE

em Salvaterra  
de Magos

**A actividade  
metalúrgica e a olaria  
de Sines romana**

**A emergência de uma  
Arqueologia Contemporânea  
em Portugal**

**Artes do couro no  
medievo peninsular**



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Caldeira e ciclones para produzir ar aquecido, depois conduzido aos secadores da Fábrica de Descasque de Arroz da Casa de Cadaval, em Salvaterra de Magos.

Foto © Leonor A. P. de Medeiros.



II Série, n.º 22, tomo 3, Janeiro 2019

#### Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio  
Pereira, Cova da Piedade,  
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | [c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN | 2182-7265

#### Estatuto editorial |

[www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Parceria | ArqueoHoje - Conservação  
e Restauro do Património  
Monumental, Ld.<sup>a</sup>

Apoio | Neoépica, Ld.<sup>a</sup>

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Publicidade | Centro de Arqueologia  
de Almada ([c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com))

#### Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de  
Almada (sede): Vanessa Dias,  
Ana Luísa Duarte, Elisabete  
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),  
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos  
Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem  
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Fernanda  
Lourenço e Sónia Tchissolle

#### Colaboram neste número |

Suely Amâncio-Martinelli, Telmo  
António, Ana C. Araújo, Thierry  
Aubry, Renata F. Barbosa, Luísa  
Batalha, Carlos Boavida, Guilherme  
Cardoso, André Carneiro, António R.

Carvalho, Vânia Carvalho, Tânia M.  
Casimiro, Ana M. Costa, Fernando  
Costa, Francisco Curate, Luca A.  
Dimuccio, Ana Luísa Duarte, Vitor  
Durão, José d'Encarnação, Lídia  
Fernandes, Carlos Galhano, Cristina  
Gameiro, Jesús García Sánchez,  
Carolina Grilo, Rogier A. A. Kalkers,  
Sebastião L. de Lima Filho, Virgílio  
Lopes, Joana S. Macedo, João Marques,  
Jorge A. M. Marques, Teresa Marques,  
Henrique Matias, Leonor A. P. de  
Medeiros, Henrique Mendes, Paulo C.  
F. Monteiro, Nuno Neto, Rui Oliveira,

Luiz Oosterbeek, Franklin Pereira,  
Paula A. Pereira, João Pimenta,  
Albérico N. de Queiroz, Jorge Raposo,  
Paulo Rebelo, Marco A. Rocha,  
André T. Santos, Dario Seglie, João L.  
Sequeira, Miguel Serra, João Luís  
Sequeira, Vítor R. C. de Sousa,  
Tesse D. Stek e Chia-Chin Wu.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*  
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.  
No entanto, a revista respeita a vontade dos  
autores, incluindo nas suas páginas tanto  
artigos que partilham a opção do editor  
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

**A** *Al-Madan Online* abre este novo tomo com uma reflexão acerca da investigação e da comunicação científica, da margem de incerteza que as caracteriza e da tolerância com que devem ser encaradas pois, frequentemente, mesmo quando se identificam as questões correctas, o tempo mostra que nem sempre se obtêm e partilham as respostas mais adequadas.

Tendo presente essa contingência, é de divulgação científica que tratam as páginas seguintes, com realce para sítios e contextos de Época Romana em Sines, em Cascais e no Alto Alentejo, nomeadamente no Município de Fronteira. Mas dá-se igual atenção ao impacto da Arqueologia preventiva na identificação de ocupações humanas do Paleolítico Superior em todo o país, e ainda, noutro âmbito cronológico, aos trabalhos arqueológicos realizados numa fábrica de descasque de arroz instalada em Salvaterra de Magos na segunda metade do século XX. A Arqueologia brasileira volta a marcar presença, agora com as ameaças à arte rupestre do Nordeste do Estado da Bahia, e há também espaço renovado para as arqueociências, neste caso através de uma proposta metodológica para a identificação de tubérculos secos, cozidos ou calcinados.

A premente definição disciplinar de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal é defendida em artigo de opinião, a que se segue estudo que apresenta a Análise Urbana como domínio da Arquitectura que integra conhecimentos da História e da Arqueologia, entre outros.

Ao Património móvel e imóvel são dedicados textos sobre a conservação e restauro da fachada do edifício sede da colectividade mais antiga de Tomar, que assinalam a identificação e incorporação em museu de um azulejo valenciano dos séculos XV-XVI aplicado em imóvel de Sintra, e que tomam exemplares de aljavas provenientes do Sultanato de Granada (1238-1492) como ponto de partida para a abordagem mais geral das artes do couro na Península Ibérica durante a Idade Média.

Há ainda diferentes contributos para a História Local de Alcácer do Sal e de Almada, fruto da análise de conjuntos documentais dos séculos XVI a XVIII, bem como diversificado noticiário de natureza arqueológica, incluindo resultados de escavações, de projectos museológicos, de acções de Educação Patrimonial, etc.

Livros e revistas recentemente publicados também merecem comentário ou destaque e, nas páginas finais, encontram-se breves relatos de um número significativo de eventos científicos realizados em Portugal e no estrangeiro, com temáticas muito diversificadas, cuja partilha é útil para a comunidade científica portuguesa e para outros interessados. A fechar, agendam-se eventos do mesmo tipo já divulgados para os próximos meses. Enfim... muitas e boas razões para agradáveis momentos de leitura.

Jorge Raposo

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

EDITORIAL ...3 ▶

CRÔNICAS

Da Tolerância Científica | José d'Encarnação...6 ▶

ARQUEOLOGIA

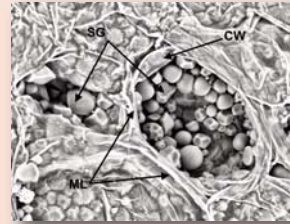


Trabalhos Arqueológicos na Fábrica de Descasque de Arroz da Casa Cadaval (Salvaterra de Magos): tecnologia, património e comunidade | Leonor A. P. de Medeiros...9 ▶



Entre Afloramentos, Sapatas, Argamassas e Paralelepípedos: a destruição do património arqueológico rupestre na região de Coronel João Sá, nordeste da Bahia | Sebastião Lacerda de Lima Filho, Suely Amâncio-Martinelli e Albérico Nogueira de Queiroz...61 ▶

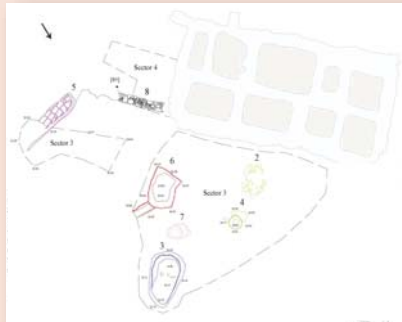
ARQUEOBOTÂNICA



A Typological Approach to the Identification of Carbonized Dried and Cooked Parenchyma of Vegetative Storage Organs | Chia-Chin Wu...69 ▶

OPINIÃO

A Atividade Metalúrgica e a Olaria de Sines Romana: dados preliminares | Paula Alves Pereira e Carlos Galhano...20 ▶



Os Deuses Devem Estar Loucos... ou a Emergência de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal | Tânia Manuel Casimiro e João Luís Sequeira...88 ▶



O Forno Romano e Poço de Época Tardo-Romana do Alto do Cidreira, Cascais | Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Paulo Rebelo e Nuno Neto...38 ▶

ESTUDOS

Primeiros Resultados do *Fronteira Landscape Project*: a Arqueologia da paisagem romana no Alto Alentejo | André Carneiro, Jesús García Sánchez, Tesse D. Stek e Rogier A. A. Kalkers...46 ▶



Apresentação do Projeto PALEORESCUE. O Paleolítico Superior e a Arqueologia preventiva em Portugal: desafios e oportunidades | Cristina Gameiro e Luca A. Dimuccio...55 ▶

Análise Urbana: integração de conhecimentos multidisciplinares | Vitor Durão...98 ▶

## PATRIMÓNIO



Conservação e Restauro da Fachada do Edifício da Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina, em Tomar: da pintura mural à conservação das cantarias trabalhadas | Fernando Costa, Renata Faria Barbosa, Joana Shearman Macedo e Marco Amaral Rocha...106 ▶



Um Azulejo Valenciano de Finais do Século XV-Inícios do Século XVI na Quinta das Flores, Massamá (Sintra) | Vítor Rafael Cordeiro de Sousa e Rui Oliveira...114 ▶



Artes do Couro no Medieval Peninsular. Parte 1: aljavas de Granada | Franklin Pereira...119 ▶

## HISTÓRIA LOCAL

A Fundação da Ermida de São Romão: um olhar sobre a Ribeira do Sadão, no limite entre os Termos de Alcácer e do Torrão, nos séculos XIV a XVII | António Rafael Carvalho...129 ▶



“De Doenças Esporádicas Farei Algumas Histórias”: Gaspar Lopes Henriques de Chaves (1729-1796), médico do Partido da Vila de Almada | Telmo António e Francisco Curate...153 ▶

Documentação Setecentista Referente ao Ermitério e Hospício de Carmelitas Calçados e Terceiros de Nossa Senhora do Carmo da Serrinha (freguesia de São Martinho, município de Alcácer do Sal) | António Rafael Carvalho...140 ▶



## NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira): a campanha de escavações de 2018 | João Pimenta e Henrique Mendes...159 ▶

Prémio Ibermuseum de Educação para o Côa | Ana Luísa Duarte...161 ▶

Inscrição da Capela de S. Domingos (Travessa de S. Domingos, Viseu) | Jorge Adolfo de Meneses Marques...162 ▶

PO.RO.S: Museu Portugal Romano em Sicó | Paulo Celso Fernandes Monteiro...165 ▶

Em Setembro Lisboa Foi Mais Romana: festival *Estes Romanos Estão Loucos* no Museu de Lisboa - Teatro Romano | Lídia Fernandes e Carolina Grilo...169 ▶

Efemérides da Arqueologia Portuguesa no Final de 2018 | Ana Luísa Duarte...173 ▶

Manifesto pela Conservação e Restauro | Ana Luísa Duarte...173 ▶

## LIVROS & REVISTAS

30 Anos de Arqueologia em Oeiras | Jorge Raposo...174 ▶

Os 25 Anos da Revista *al-'ulyà* | José d'Encarnação...175 ▶

Novidades editoriais...177 ▶

## EVENTOS

O Museu do Côa e as Problemáticas da Arte Paleolítica ao Ar Livre e das Origens da Arte | André Tomás Santos e Thierry Aubry...179 ▶

*Vinte anos leva-os o tempo; ficam as palavras para lembrar a história.* O Menino do Lapedo: vinte anos depois | Ana Cristina Araújo, Ana Maria Costa e Vânia Carvalho...182 ▶

*Symposium* Internacional *La Porticus Post Scaenam en la Arquitectura Teatral Romana*, em Cartagena | Carolina Grilo...185 ▶

X Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular | Miguel Serra...188 ▶

Seminário Internacional *Producción y Comercio en la Lusitania de Augusto* (Mérida) | André Carneiro...191 ▶

Colóquio *Silos, Matamorras e Covas de Pão. Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal:* breve crónica | Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques e Teresa Marques...193 ▶

Colóquio *O Paleolítico em Portugal: um quarto de século de abordagem tecnológica* e Mesa-Redonda *Transição Pleistocénico-Holocénico* | Cristina Gameiro e Henrique Matias...196 ▶

Boas Práticas na Gestão de Espólios Arqueológicos | Jorge Raposo...198 ▶

Os Erros em Epigrafia: nota sobre as jornadas de Milão | José d'Encarnação...200 ▶

Arte Rupestre do *Homem de Neandertal:* a conferência internacional *NeanderART 2018* | Luiz Oosterbeek e Dario Seglie...201 ▶

XIV Conferência da AIEMA, Chipre | Virgílio Lopes...202 ▶

VII Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica, em Tarragona | Virgílio Lopes...203 ▶

Agenda de eventos...202 e 203 ▶

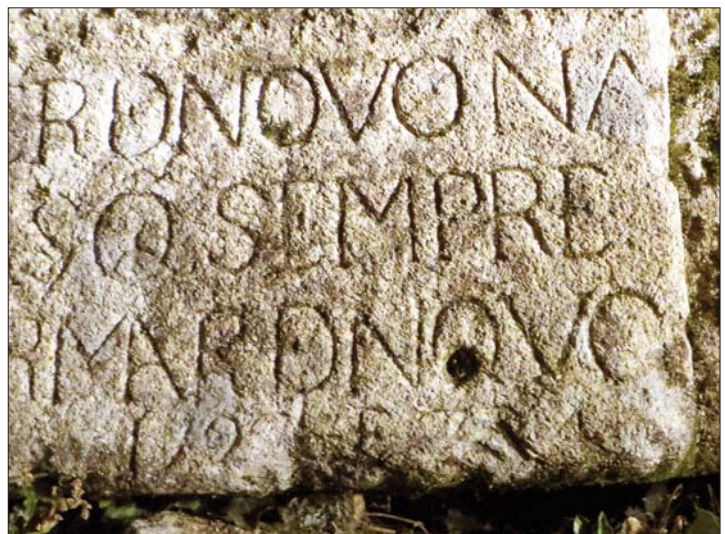




## Inscrição da Capela de S. Domingos (Travessa de S. Domingos, Viseu)

Jorge Adolfo de Meneses Marques  
[Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu]

Por opção do autor, o texto segue as regras  
do Acordo Ortográfico de 1990.



FIGS. 1 E 2 – Imagem geral da epígrafe e pormenor da sua zona final.

Na sequência do violento incêndio que consumiu, na madrugada do dia 21 de setembro de 1977, o edifício do antigo Hotel Central, um imóvel que fora construído entre finais da segunda e inícios da terceira década do século XX (ARAGÃO, 1928), entre a Rua Dr. Luís Ferreira / Comércio, a Travessa de S. Domingos e a Rua de D. Duarte, na cidade de Viseu, foi recolhida uma inscrição de grandes dimensões<sup>1</sup> que se encontrava reutilizada nas paredes do edifício calcinado.

Inédita, esta epígrafe de granito de grão médio cor-de-rosa acinzentado, datada de 1727 (Figs. 1 e 2), constitui, com o brasão dos Abreus em depósito no Museu Nacional de Grão Vasco (VALE, 1974: 6), o segundo elemento arquitetónico até agora conhecido da desaparecida Capela de S. Domingos, “uma pequenina ermida” (VALE, 1942b: 125) consagrada a este santo pregador que existira naquela área, mas que, por se encontrar

há “muito tempo profanada” (ARAGÃO, 1928: 514), fora demolida para dar lugar ao hotel.

Documentada desde meados do século XIV – por exemplo, 1358: “morador na rua da vela de S. Domingos” (MOUTA, 1984b); 1359: “casa com olival na Vela de S. Domingos” (MOUTA, 1984a: 353); 1362: “casas na Rua da Vela de S. Domingos” (MOUTA, 1986: 324); 1448: “casas na rua que vai para a Vela de S. Domingos” (MOUTA, 1986: 321--322); 1605: “o Sancto fica livre pera se poder comodamente andar ao redor dele” (VALE, 1942b: 140); 1742: “quelha que vai para São Domingos” (CASTILHO, 2012: 28); 1758: “capela de S. Domingos” (OLIVEIRA, 2005: 180); 1784: “defronte da quelha que vem da Capella de Sam Domingos” (CASTILHO, 2012: 29) –, a capela encontrava-se situada numa quelha do casco medieval da cidade de Viseu, que ligava a “Rua da Vela de S. Domingos” – a partir do século XVI denominada Rua da Cadeia (atual Rua D. Duarte) por ali se situar o cárcere civil (GIRÃO, 1925: 61; VALE, 1942a; VALE, 1942b; VALE, 1946; CID,

<sup>1</sup> Inscrição recolhida por José Caldeira Soares de Albergaria Bandeira Pessanha. Está na posse dos seus herdeiros, a quem agradecemos penhoradamente as informações que tiveram a gentileza de nos prestar acerca da descoberta do monumento e as facilidades concedidas para o seu estudo.

### DIMENSÕES (em cm)

Comprimento = 228; Largura = 54;

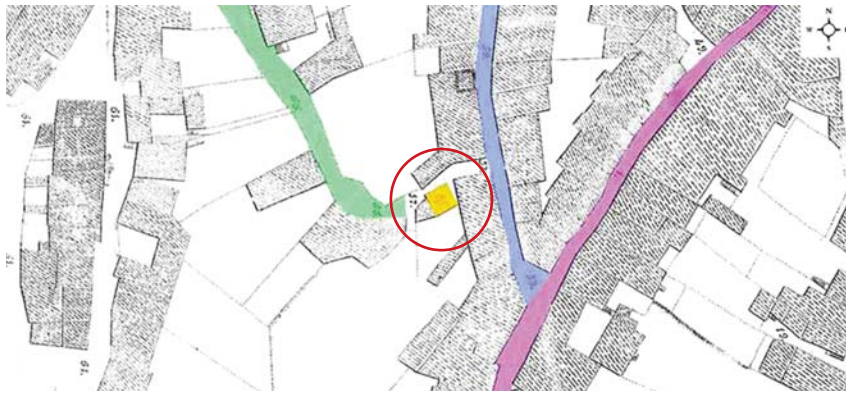
Espessura = 25.

Campo epigráfico: 193 x 53.

Altura das letras: l. 1 a 5: 6,1; l. 6: 2,5.

Espaço entre linhas: 1: 1; 2: 2; 3: 12; 4 e 5: 2; 6: 1.

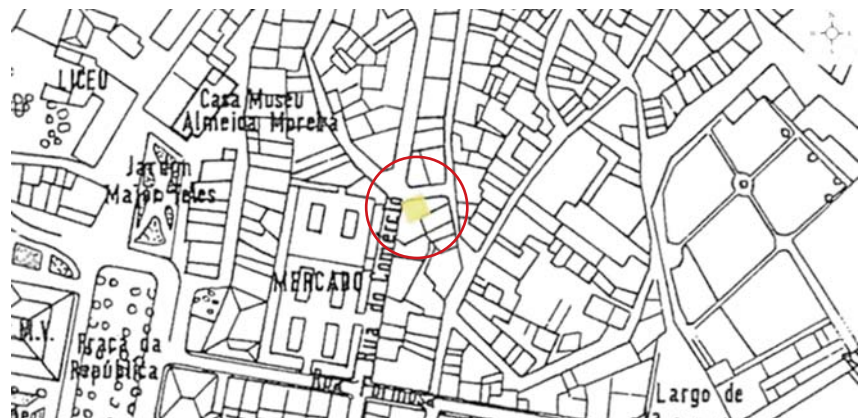
1947; COELHO, 1960; VALE, 1963; MOUTA, 1968; RIBEIRO, 1968; CORREIA, 1989; MONTEIRO, 2000; CASTILHO, 2009: 105; CORDEIRO, 2010; FERREIRA, 2010; CASTILHO, 2012; TAVARES, 2016: 23; RODRIGUES, 2016) – à Rua Chão do Mestre e Porta do Soar.



FIGS. 3 E 4 – Plantas de 1864 (à esquerda) e da segunda metade do século XX (em baixo).

A primeira planta topográfica da cidade, realizada pelos serviços técnicos da Câmara Municipal de Visu, em 1864, no contexto de uma importante renovação urbanística que então decorria, regista o local exato onde a capela se situava (SIMÕES e SOUSA, 2016: 60-61) (Figs. 3 e 4).

Como se refere na inscrição, que provavelmente se encontraria a sobrepujar o lintel da porta principal do pequeno templo, João de Almeida e Melo de Vasconcelos, aristocrata visense descendente “da antiquíssima Casa de Santo Estevão cujos senhores desta casa sam Almeidas Soares de Mello e Vasconcellos”, de acordo com as *Memórias Paroquiais de 1758* (OLIVEIRA, 2005: 205), e vereador da Câmara do concelho de Visu entre 1692 e 1741 – o seu nome surge nas atas camarárias em 1692 (VALE, 1954a: 295; VALE, 1954b: 478), 1693 (VALE, 1954a: 298; VALE, 1954b: 478), 1705 (VALE, 1963: 82), 1714 (VALE, 1963: 143), 1715 (VALE, 1963: 153), 1721 (VALE, 1963: 171), 1722 (VALE, 1963: 179), 1726 (VALE, 1963: 196), 1728 (VALE, 1963: 202 e 209), 1737-1739 (VALE, 1963: 245) e 1740-1741 (VALE, 1963: 266 e 282) –, mandou-a demolir com o propósito de a “fazer de novo na mesma aria”. O seu proprietário justificava tal procedimento com o facto de a vetusta construção, ali edificada em “tempo imemorial” e herdada de seus avós maternos<sup>2</sup>, se encontrar a “amiaçar ruína”. Embora tratando-se de uma reconstrução, é plausível que no “fazer de novo”, declarado no texto epigráfico, se tenha integrado a nova estética barroca que, quer na cidade, quer na região, começava a afirmar-se de forma bem exuberante na arquitetura e na arte, quer em edifícios religiosos, quer em edifícios laicos. Com efeito, a renovação da Sé de Visu (1720-1740), a reforma da Igreja da Misericórdia (1726-1775), a reedificação da Igreja de S. Miguel de Fetal (1752), das capelas da Via Sacra e de S. Sebastião, a construção de raiz das



ESTA CAPELA DA INVOC<sup>am</sup> ð PATRIARCHA S. D<sup>os</sup> HE ð IOAM DE ALM<sup>es</sup> ð MELLO E VAS<sup>os</sup> POR TER SIDO SEVS AVOS M ð T<sup>em</sup>PO IMEMORIAL E POR AMIAÇAR RVINA A MANDOV ð MOLIR E FAZER ð NOVO NA MESMA ARIA PERTENÇA DAS CAZAS FRONTEIRAS Q SEMPRE FORAM DOS D<sup>os</sup> SEVS AVOS Q TAMBEM MANDOV REFORMA ð NOVO NO ANNO ð ---- DOMINICI O PA[TRON]O DEVOTO ---- 1727 FEZ

ESTA CAPELA DA INVOC(aç)AM DO PATRIARCHA S. D(oming)OS HE DE IOAM DE / ALM(ei)DA DE MELLO E VASCO(ncelo)s POR TER SIDO DE SEVS AVOS M(aternos) DE T(em)PO IMEMORIAL / E POR AMIAÇAR RVINA A MANDOV DEMOLIR E FAZER DE NOVO NA / MESMA ARIA PERTENÇA DAS CAZAS FRONTEIRAS Q(ue) SEMPRE / FORAM DOS D(IGNÍSSIM)OS SEVS AVOS Q(ue) TAMBEM MANDOV REFORMAR DE NOVO / NO ANNO D(e)---- DOMINICI O PA[TRON]O DEVOTO ---- 1727 FEZ

<sup>2</sup> Os avós maternos de João de Almeida e Melo de Vasconcelos eram Álvaro de Carvalho e Helena de Melo (VALE, 1942b). Esta era neta, pelo lado de seu pai, Diogo Soares de Melo, do cónego da Sé de Visu e abade de Silvé Escura, Pero Gomes de Abreu.

Para além da “possessão da *Aguieira*”, onde tinha um paço, Pero Gomes de Abreu foi também proprietário da casa-torre da Rua da Vela de S. Domingos / Cadeia (atual D. Duarte) e da vizinha Capela de S. Domingos, na atual Travessa de

S. Domingos. Em todos estes imóveis, bem como no seu túmulo na Capela do Calvário da Sé de Visu, mandou colocar o brasão dos Abreus (VALE, 1942b).

igrejas de Nossa Senhora da Conceição (1757), do Carmo (1734), de S. Francisco (1746) e da Capela da Senhora dos Remédios (1742) e a conclusão da casa da Congregação do Oratório de S. Filipe de Nery (EUSÉBIO, 2016), por um lado, bem como a construção dos solares dos Condes de Prime e dos Peixotos, em Cimo de Vila, dos Melos, no Soar de Cima, dos Condes

de Treixedo e dos Silveira, na Rua Direita, dos Albuquerque, na Rua do Arco, dos Pais, na Calçada de S. Mateus, do Cónego Francisco de Sam-paio e Melo, na Calçada da Vigia, as Casas da Prebenda, no Largo da Prebenda, e das Bocas, na Rua João Mendes, por outro, comprovam, à saciedade, a profunda renovação arquitetónica que a cidade viveu na centúria de Setecentos.

Concluídas as obras na Capela de S. Domingos, bem como nas “*casas fronteiras*” também de sua “*pertença*”, João de Almeida e Melo de Vasconcelos pretendeu perpetuar a empresa com a extensa epígrafe de carácter memorialista e comemorativa que ora se publica. ✎

## Bibliografia

ARAGÃO, Maximiano (1928) – *Viseu. Subsídios para a sua história*. Porto: Tipografia Sequeira Limitada.  
 CASTILHO, Liliana (2009) – *Geografia do Quotidiano. A Cidade de Viseu no Século XVI*. Viseu: Arqueohoje, Lda. e Antropodorus - Projecto Património Lda.  
 CASTILHO, Liliana (2012) – *A Cidade de Viseu nos Séculos XVII e XVIII. Arquitetura e Urbanismo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em História de Arte.  
 CID, João (1947) – “As Procissões do Corpo de Deus nos Séculos XVI, XVII e XVIII em Viseu”. *Beira Alta*. Viseu: Junta de Província. 6 (3): 273-289.  
 COELHO, José (1960) – “Origem dos Rossios de Viseu”. *Beira Alta*. Viseu: Junta de Província. 19 (4): 507-531.  
 CORDEIRO, Teresa (2010) – *Adonai nos Cárceres da Inquisição. Os Cristãos-Novos de Viseu Quinhentista*. Viseu: Arqueohoje, Lda. e Antropodorus - Projecto Património Lda.  
 CORREIA, Alberto (1989) – *Viseu*. Lisboa: Editorial Presença.

EUSÉBIO, Maria de Fátima (2016) – “A Cidade e a Catedral (Séculos XVIII a 1819)”. In *História da Diocese de Viseu*. Porto: Diocese de Viseu e Imprensa da Universidade de Coimbra. 2.º vol., pp. 113-126.  
 FERREIRA, Paula Cristina Cardoso (2010) – *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana*. Lisboa: Universidade Aberta. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património.  
 GIRÃO, Amorim (1925) – *Viseu: estudo de uma aglomeração urbana*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.  
 MONTEIRO, Isabel (2000) – “A Judiaria de Viseu”. *Monumentos*. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 13: 57-61.  
 MOUTA, J. Henriques (1968) – “Panorâmica e Dinâmica de Viseu Medieval”. *Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu. 27 (2): 311-350.  
 MOUTA, Maria Fernanda (1984a) – “Pergaminhos do Arquivo Distrital de Viseu”. *Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu. 43 (3): 335-355.

MOUTA, Maria Fernanda (1984b) – “Pergaminhos do Arquivo Distrital de Viseu”. *Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu. 43 (4): 645-671.  
 MOUTA, Maria Fernanda (1986) – “Pergaminhos do Arquivo Distrital de Viseu”. *Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu. 45 (3-4): 311-350.  
 OLIVEIRA, João Nunes de (2005) – *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas: 1. Viseu*. Viseu: Centro de História da Sociedade e da Cultura e Palimage Editores.  
 PEREIRA, Maria Irene Paiva Lourenço (2001) – *Urbanismo e Arquitectura de Viseu setecentista: salvaguarda de um património: um percurso da memória*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.  
 RIBEIRO, Orlando (1968) – “A Rua Direita de Viseu”. *Geographica. Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa. 16: 49-63.  
 RODRIGUES, Dalila (2016) – “A Cidade e a Catedral (Séculos XVI e XVII)”. In *História da Diocese de Viseu*. Porto: Diocese de Viseu e Imprensa da Universidade de Coimbra. 2.º vol., pp. 79-112.  
 SIMÕES, José dos Santos e SOUSA, José Alberto Pais (2016) – “Evolução Cartográfica da Cidade de Viseu”. In *Paços do Concelho, 100 Anos*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, pp. 54-79.  
 TAVARES, Maria José Ferro (2016) – “Para o Estudo de Viseu Medieval. A judiaria: o seu espaço e os seus habitantes”. *Beira Alta*. Viseu: Comunidade Intermunicipal Viseu Dão Lafões. 76 (3-4): 9-30.  
 VALE, A. de Lucena e (1942a) – “Viseu Antigo”. *Beira Alta*. Viseu: Junta de Província. 1 (1): 27-35.  
 VALE, A. de Lucena e (1942b) – “Viseu Antigo”. *Beira Alta*. Viseu: Junta de Província. 1 (3): 125-145.  
 VALE, A. de Lucena e (1946) – *Livro dos Acordos de 1534 da Cidade de Viseu*. Porto: Edição de Autor.  
 VALE, A. de Lucena e (1954a) – “Livro de Acordos da Câmara de Viseu”. *Beira Alta*. Viseu: Junta de Província. 13 (3): 287-298.  
 VALE, A. de Lucena e (1954b) – “Livro de Acordos da Câmara de Viseu”. *Beira Alta*. Viseu: Junta de Província. 13 (4): 395-478.  
 VALE, A. de Lucena e (1963) – *Viseu do Século XVIII nos Livros de Actas da Câmara*. Viseu: Junta Distrital de Viseu.  
 VALE, A. de Lucena e (1974) – “O Manuscrito sobre Viseu de Francisco Manuel Correia”. *Beira Alta*. Viseu: Junta de Província. 33 (1): 1-15.

## PUBLICIDADE



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada

Associação de Utilidade Pública  
Sem Fins Lucrativos

Organização Não-Governamental  
de Ambiente

[travessa luís teotónio pereira,  
cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[http://www.caa.org.pt]

[http://www.facebook.com]

**1972 - 2018**

**46 anos**

**de intervenção social**

**uma Associação  
em que dá gosto  
participar!**

**peça já a sua  
ficha de inscrição**

# almada

online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]